



COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos | Empresa Editora: Tip. "União Gráfica", T. do Despacho, 16-Lisboa | Administrador: P. António dos Reis | Redacção e Administração: "Seminário de Leiria,"

Crónica de Fátima

(13 DE NOVEMBRO)

A quadra invernos — As peregrinações

Com o mês de Novembro, o Mês dos santos e dos finados, começou a quadra invernos para o Santuário Nacional de Nossa Senhora de Fátima e para os seus peregrinos, portugueses e estrangeiros. No vasto recinto do local das aparições, povoado de templos e monumentos, graças à iniciativa do ilustre Prelado diocesano e à munificência dos fiéis, já não se vê o movimento empolgante das grandes peregrinações do Estio nem se ouvem os vivas e as aclamações entusiásticas das multidões que desfiliavam incessantemente, noite e dia, perante Jesus-Hóstia, no seu trono de amor, e perante a Virgem bem dita, representada pela sua linda Imagem, na capela comemorativa das mesmas maravilhas de 1917. Dir-se-ia que as torrentes caudalosas e rumorejantes dum grande e magestoso rio sucederam de repente as águas mansas e tranquilas dum lago pequeno mas encantador.

Sem embargo, porém, da intempérie da nova estação que, a breve trecho, vai e cujos prenúncios já se fazem sentir, o número de fiéis que tanto das povoações mais próximas de Fátima como das terras mais distante do país, acorreu à Cova da Iria no dia 13 de Novembro foi verdadeiramente extraordinário, e sobretudo ao meio dia e meia hora, durante a missa e a bênção dos doentes, a assistência era bastante considerável, ocupando o espaço adjacente ao Pavilhão numa extensão de muitas dezenas de metros quadrados.

Bem hajam os fiéis devotos da Virgem Santíssima que não recuam diante de nenhum sacrifício que seja preciso fazer para poderem ir prestar as homenagens da sua fé e da sua piedade à Mãe de Deus no santuário da sua predilecção!

As cerimónias oficiais do dia 13

O programa usual dos actos religiosos oficiais no dia 13 foi integralmente cumprido. Não se realizou, na véspera, a procissão das velas, nem se fez, durante a noite, a velada de adoração e reparação ao Santíssimo Sacramento — cerimónias tocantes e imponentes que são suspensas em Novembro para só recommear em Maio ou, excepcionalmente e com carácter particular, em Abril do ano seguinte.

Desde as primeiras horas da manhã, numerosos sacerdotes atenderam na vasta igreja da Penitenciária os fiéis do sexo masculino que querem purificar as suas almas no banho salutar do Sacramento da Confissão.

Entretanto, as missas sucedem-se umas às outras sem interrupção nos diversos altares dos santuários.

Ao meio-dia solar realiza-se a procissão com a imagem de Nossa Senhora de Fátima que se venera na santa capela das aparições. Terminada a procissão, começa a missa oficial, que é seguida da recitação do terço do Rosário e da bênção do Santíssimo Sacramento dada a cada um dos doentes presentes e por fim a todo o povo.

A estação da Missa prêgou o Rev.º

Arnaldo de Magalhães, director espiritual do Seminário de Leiria, sacerdote de rara piedade, e de notável cultura, que durante cerca de vinte minutos teve o numeroso auditório suspenso dos seus lábios comentando o evangelho do dia em linguagem simples e acessível a todas as inteligências.

glórias da Virgem sem macha, é o mês em que o universo cristão celebra, em transportes de júbilo e de fervente entusiasmo, a mais bela prerogativa da Mãe de Deus: a sua Santa e Imaculada Conceição.

Jesus, o Verbo de Deus incarnado em Maria, apareceu, por meio dela sobre a

em virtude dos seus méritos infinitos, do pecado original, que todos os homens contraem em Adão.

Essa criatura privilegiada em que se acumulam com profusão os tesouros inefáveis do Céu, esmaga com o seu pé virginal a cabeça da serpente infernal que de balde tenta morder-lhe o calcanhar.

e de amor: «Bem dita seja a Santa e Imaculada Conceição da bemaventurada Virgem Maria!»

Fátima na China

«Religião e Pátria ou Estrela de Macau» é o título duma esplendida revista que se publica na Pérola do Oriente, a cidade do Santo Nome de Deus de Macau. Com o número de 10 de Maio entra essa revista numa nova fase, passando a ser publicada semanalmente e continuando a ser distribuída gratuitamente todos os domingos em Macau e Hong-Kong.

É precisamente nesse número que se encontra um longo e importante artigo doutrinal e histórico subordinado à epígrafe «Devoção dos Macaenses a Nossa Senhora de Fátima».

O autor mostra a razão de ser dessa devoção, frisa que não é ofensivo para Jesus Cristo, nosso único Mediador, que se procure a intercessão da Santíssima Virgem e prova que é lícito não só invocar a sua protecção mas também prestar culto às suas imagens, não havendo na Sagrada Escritura passagem alguma que proíba o culto das imagens como o entendem e praticam os católicos.

Seja lícito transcrever alguns períodos da última parte deste trabalho tão consciencioso como útil:

«O Senhor Arcebispo de Braga, Portugal, num sermão que prêgou na sua Catedral disse: — As nossas festas religiosas estão profanadas, estão viciadas, estão corrompidas. É preciso remediar tantos males graves, é preciso purificar as festas, para que Nossa Senhora do Sámeiro faça milagres como faz em Lourdes. A Virgem fugiu do Sámeiro... e fugiu porque não podia ver as danças desonestas, o toque de pandeiretas em requebros indecentes, as canções obscenas, o alarido satânico em um arraial desabrido no meio de pipas de vinho. A romaria é o baixo apetite satisfeito, é o desejo material atendido. As nossas romarias cultivam uma religião diabólica. Não digo que se acabe com elas; digo que se reformem, que se remedeie o mal. E podem voltar ao seu destino santificador.

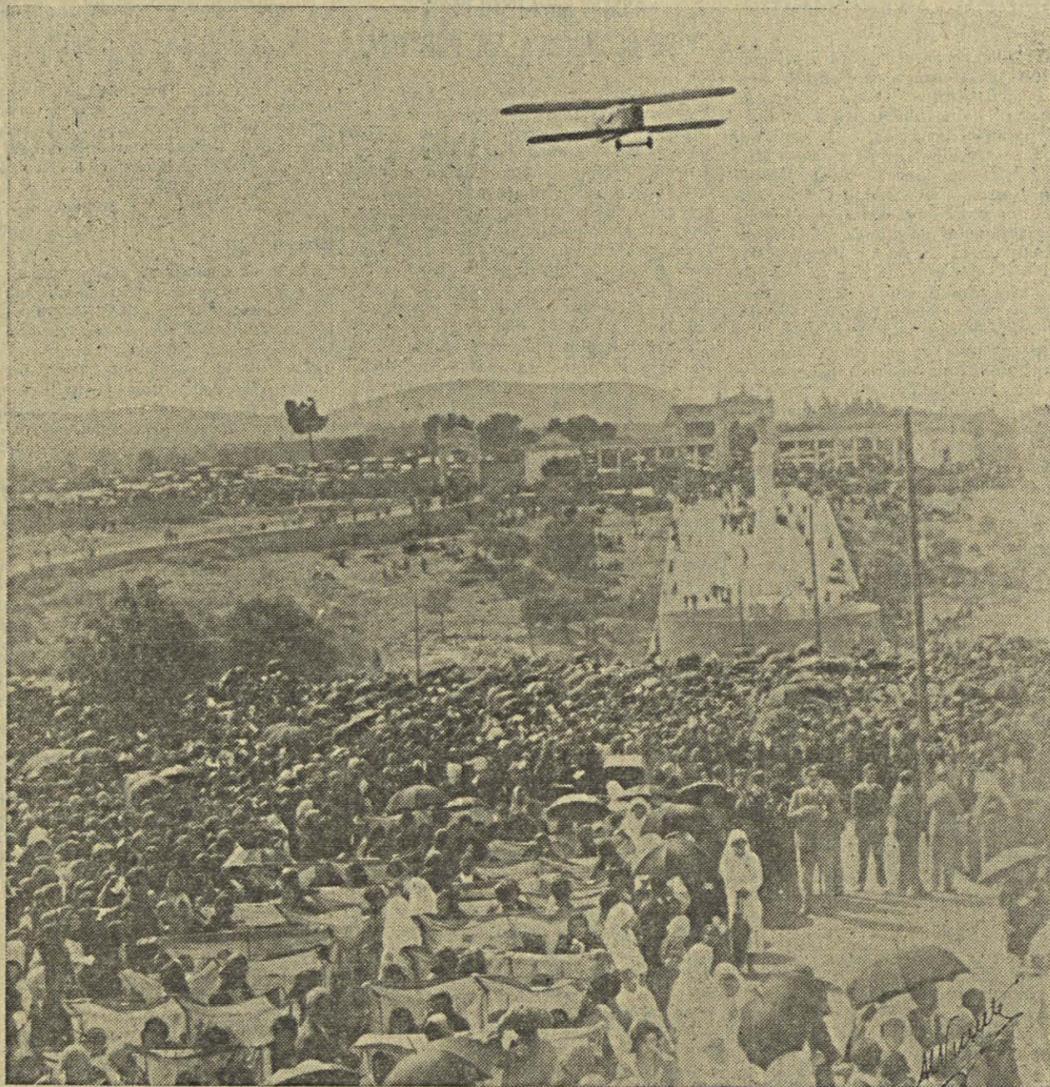
Não se podia dizer o mesmo, *mutatis mutandis*, de tantas festas por esse mundo fora?

Que edificante não é o que se passa em Fátima que conservou desde o primeiro dia o seu carácter exclusivamente religioso graças à vontade firme do Sr. Bispo de Leiria! Não há foguetes, não há arraial, não há bandas de música.

Em Braga organizou-se uma Comissão arquidiocesana de peregrinações que acaba de elaborar relativamente ao Santuário do Sámeiro o seguinte: «Sendo estas manifestações de fé destinadas a dar glória a Deus e à Virgem Santíssima, devem ser feitas com espírito de verdadeira piedade, penitência e caridade.

Não se vai ao Sámeiro por divertimento, mas mais para cantar louvores à Mãe de Deus, pedir as suas graças e receber as suas bênçãos. Recomenda-se com o maior empenho a todos os peregrinos que, tanto na ida como na volta, evitem tudo quanto seja contrário ao espírito religioso e à modestia cristã, sendo absolutamente proibidos descantes, bailados...

Todos os peregrinos marcharão pelas margens da estrada formando alas e pelo meio seguirão as bandeiras e o cirio. Du



PEREGRINAÇÃO DE OUTUBRO DE 1931
A aviação portuguesa presta homenagem a Nossa Senhora de Fátima
O monumento em construção ao S. Coração de Jesus cuja imagem já está colocada.

A procissão destinada a reconduzir solenemente a Imagem da Virgem do Rosário ao seu trono da capela das aparições pôs remate, como de costume, aos actos e cerimónias religiosas oficiais do dia 13 de Novembro.

A Imaculada Conceição

O mês de Dezembro, em que vai à luz da publicidade o presente número da «Voz da Fátima», humilde prêgoeiro das

terra, cheio de graça e de verdade. Semeadando palavras de vida eterna, curando toda a sorte de doenças e enfermidades, consolando todas as mágoas, passa fazendo só o bem e estabelece o seu império de verdade e justiça, de pureza e bondade, de santidade e amor, sobre todas as criaturas, vencedor da morte, do inferno e do coração humano, que ele purificou e santificou.

Mas esta grande obra de reparação o Divino Salvador tinha-a já realizado em Maria, isentando-a por um dom singular,

Nela e por ela a morte e o inferno são vencidos e Deus reina nela pelo seu amor.

Desde o primeiro instante da sua Conceição, cheia de graça divina, mais que todos os anjos e que todos os santos, Maria é a Mãe da divina graça, o foco de luz e de amor cujos raios inundam o mundo inteiro.

Rainha dos Anjos, Rainha e Mãe dos homens, Coredentora do género humano, o Céu e a terra saudam incessantemente esta brilhante aurora do Sol divino, proclamando, num brado unísono de triunfo

rante o trajecto reza-se o rosário e a ladinha de Nossa Senhora e cantam-se os cânticos Marianos que superiormente foram designados. Durante a marcha da peregrinação nunca será permitido deitar fogos, nem tocar qualquer banda de música ou tuna. É necessário que o Sámeiro, como Lourdes e Fátima, seja aos olhos de todos, para honra e glória da Santíssima Virgem, salutar antídoto contra a religião das romarias pagãs.»

Fátima no Brasil

As «Vozes de Petropolis», revista quinzenal religiosa, científica e literária, que se publica na Sintra de Alêntico-Atlântico, insere no seu número de 16 de Janeiro último uma longa e interessante carta de Portugal subordinada à epígrafe «Nossa Senhora de Fátima».

O autor da carta, que a subscreeve com as iniciais C. V., refere-se à Magna Carta de Pastoral «A Providência Divina», da qual transcreve algumas das passagens mais importantes, fala com justo louvor do ilustre e venerando Prelado de Leiria, cuja acção criteriosa põe em devido relevo e dirige os seus sinceros e fervorosos parabéns a todos os portugueses e especialmente aos numerosos devotos que Nossa Senhora de Fátima tem no Brasil.

Depois de dizer que a Carta Pastoral sobre os acontecimentos de Fátima ficará sendo devesa histórica e que consola de maneira assombrosa os que tinham em Fátima o seu coração e as suas esperanças, escreve:

«A decisão do venerando Prelado veio mesmo a tempo, nem podia ter vindo antes. Assunto de tanta ponderação e magnitude não podia ter uma solução rápida e açodada. Fazia mister pensar o caso maduramente, entre o vestibulo e o altar; convinha consultar a Deus e consultar os factos; impunha-se um estudo sério, profundo, demorado, de circunstâncias e de factos, vulgares e extraordinários; era imprescindível ir ao fundo do assunto, tomá-lo sob todas as suas mis-

teriosas facetas, interrogar as pessoas e descobrir a trama por vezes nebulosa de sucessos e de incidentes, que à primeira vista poderiam parecer indiferentes.»

Fátima na Alemanha

A importante revista de Breslau «Katholisches Sonntagsblatt», no seu número de 21 de Junho, publica um artigo intitulado «Uma peregrinação a Fátima» devido à pena do rev. D. Schilling, distinto ornamento da Ordem de S. Francisco, de que é membro.

Nesse artigo descreve com cores líricas e vivas, embora a traços rápidos, a grande manifestação de fé e piedade de que a Cova da Iria foi teatro no dia 13 de Maio. A parte mais interessante é a síntese admirável que nela se faz de toda a divina história de Fátima. Através das palavras do ilustre escritor alemão, a Lourdes portuguesa aparece aos olhos dos seus leitores como realmente é, um cantinho privilegiado da terra, em que o Céu se dignou estabelecer um manancial inesgotável de graças e bênçãos, uma fonte perene de consolações para as almas e de lenitivo para os corpos.

A peregrinação que justifica o título do artigo foi uma romagem que fizeram ao local das aparições alguns membros da colónia católica alemã de Lisboa, com o seu capelão o rev. D. Wurzer, o autor e o dr. Segmüller, lente da Universidade de Friburgo.

O «Herische Welt», semanário redigido em língua alemã que se publica em Lisboa para Portugal e Hespanha, dedica uma página do seu número de 26 de Junho à história dos acontecimentos de Fátima. O longo artigo em que se escreve essa história tem por título «Fátima, a Lourdes portuguesa» e é ilustrado com numerosas e esplêndidas gravuras.

Visconde de Montelo

Nossa Senhora de Fátima na Itália

Já mais de uma vez nos temos referido ao progressivo desenvolvimento que a devoção a Nossa Senhora de Fátima vai tomando além-fronteiras por esse mundo fora, graças aos esforços de muitas «dedicações generosas, fecundadas evidentemente com as bênçãos maternais d'Aquela que na Cova da Iria se chamou a Senhora do Rosário».

Hoje não resistimos à tentativa de dar aos nossos leitores e assinantes uma breve notícia dessa consoladora campanha de propagação pró Fátima, que, há alguns anos a esta parte, se vem intensificando em vários centros de Itália, não excluindo o próprio coração da cristandade. E fazemo-lo com o maior prazer e agrado, porque sabemos já por cartas vindas de Roma que o dia 13 de Outubro passado foi realmente mais um dia de glória e de triunfo para a Senhora da Fátima em terras de Itália.

Na Cidade Eterna o décimo quarto aniversário da última aparição de N. Senhora da Fátima foi celebrado com um brilho especial na Igreja de S. António dos Portugueses, onde desde Junho do corrente ano se encontra exposta à veneração dos fiéis uma linda estatua da mesma Senhora, quasi em tamanho natural. Durante a novena de preparação o Rev. P. Dr. Teodósio de Gouveia, Vice-Reitor do Colégio Português em Roma, fez distribuir entre o povo algumas dezenas de exemplares dum livrinho publicado ultimamente em Itália sobre as aparições e acontecimentos de Fátima.

No dia 13 houve missa cantada às 10 horas, e à tarde Bênção solene com o Santíssimo. Assistiram alguns diplomatas portugueses acreditados em Roma, várias religiosas portuguesas e italianas e muito povo.

Ali, como em toda a parte, N. Senhora soube desde a primeira hora, conquistar os corações dos fiéis. A atestar a piedade de muitos, é rara a hora do dia que não estejam, duas, quatro, seis velas ardendo e consumindo-se aos pés da bela «Madonna di Fátima», que a todos consola com a mesmo sorriso de mãe.

Em Gúbio, pequena cidade da Umbria, situada a uns 40 km ao norte de Assis, e onde os alunos do Colégio Português se encontravam em gozo de férias, a festa em honra de Nossa Senhora da Fátima tomou por assim dizer uma feição genuinamente portuguesa, visto que aqueles bricos rapazes há muito se consideram obrigados por gratidão e patriotismo a celebrar as festas da Senhora de Fátima com a maior solenidade, que lhes é possível num país estrangeiro.

teriosas facetas, interrogar as pessoas e descobrir a trama por vezes nebulosa de sucessos e de incidentes, que à primeira vista poderiam parecer indiferentes.»

Fátima na Alemanha

A importante revista de Breslau «Katholisches Sonntagsblatt», no seu número de 21 de Junho, publica um artigo intitulado «Uma peregrinação a Fátima» devido à pena do rev. D. Schilling, distinto ornamento da Ordem de S. Francisco, de que é membro.

Nesse artigo descreve com cores líricas e vivas, embora a traços rápidos, a grande manifestação de fé e piedade de que a Cova da Iria foi teatro no dia 13 de Maio. A parte mais interessante é a síntese admirável que nela se faz de toda a divina história de Fátima. Através das palavras do ilustre escritor alemão, a Lourdes portuguesa aparece aos olhos dos seus leitores como realmente é, um cantinho privilegiado da terra, em que o Céu se dignou estabelecer um manancial inesgotável de graças e bênçãos, uma fonte perene de consolações para as almas e de lenitivo para os corpos.

A peregrinação que justifica o título do artigo foi uma romagem que fizeram ao local das aparições alguns membros da colónia católica alemã de Lisboa, com o seu capelão o rev. D. Wurzer, o autor e o dr. Segmüller, lente da Universidade de Friburgo.

O «Herische Welt», semanário redigido em língua alemã que se publica em Lisboa para Portugal e Hespanha, dedica uma página do seu número de 26 de Junho à história dos acontecimentos de Fátima. O longo artigo em que se escreve essa história tem por título «Fátima, a Lourdes portuguesa» e é ilustrado com numerosas e esplêndidas gravuras.

Visconde de Montelo

Em Gúbio as senhoras da Acção Católica estão preparando uma bandeira com a scena da aparição aos pastorinhos, destinada a servir nas peregrinações que elas mesmas resolveram promover nos dias 13 de cada mês à capela onde os alunos do Colégio Português fizeram a festa à Senhora da Fátima, e na qual, antes de voltar para Roma, inauguraram um lindo quadro da mesma Senhora.

Em Pádua, junto ao sepulcro do maior santo português, encontrou a Senhora de Fátima uma propagandista admirável na pessoa da Sr.ª D. Emilia Filippetto, ditosa mãe de Maria Filippetto de cuja biografia demos uma breve notícia em Julho do corrente ano.

Essa Senhora, que é sem dúvida uma das mais dedicadas e activas do grupo da Acção Católica Feminina de Pádua, acaba de publicar um longo e belo artigo sobre Fátima na revista «La nostra via» (O nosso caminho), órgão daquele centro de Acção Católica.

Muitos outros jornais e revistas têm dado amplas notícias sobre os acontecimentos do Santuário de Fátima.

Mas, de entre todos, o artigo que maior sensação causou nos meios cultos da Itália foi certamente o que publicou a «Civiltà Católica», revista científica de celebridade mundial, em 15 de Agosto passado.

Sobre este capítulo haveria ainda não pouco que dizer e contar. Mas, o não queremos gastar de uma vez a paciência dos nossos leitores levamos a deixar o resto para outra ocasião, se Deus for servido, e concluir este, pedindo a N. Senhora de Fátima que se digno abençoar e tomar sob a sua protecção especial todos aqueles que tanto se esforçam por torná-la cada vez mais conhecida e amada em terras de Itália.

ASSIM SE RESOLVE A CRISE ECONÓMICA EM PORTUGAL

«O nosso colaborador Rev. prof. Dr. Fischer, de Bamberg, recebeu de Portugal a seguinte carta que poz à disposição da *Schildwache*. A carta é do director técnico duma fábrica de cimento, e engenheiro X, que viveu longos anos na Alemanha, cuja lingua conhece perfeitamente e que em 13 de Maio de 1929 acompanhou o Dr. Fischer na distribuição da S. Comunhão em Fátima (veja-se o livro do prof. Fischer «Fátima, a Lourdes portuguesa» no capítulo «Tenho compaixão do povo»). Extraímos da referida carta o que se segue que muito deve interessar todos os devotos de N. S. do Rosário e os leitores da *Schildwache*, pois nos mostra como por meio da fé se resolve a crise económica em Portugal.

«Ao regressar do goso de licença encontrei aqui a sua oferta enviada por intermédio do Dr. I. Mil vezes obrigado. Causou-me imensa alegria a leitura da sua última obra «Fátima à luz da Autoridade Eclesiástica».

Interessam-me sobremaneira todas as publicações sobre Fátima. Conheço Fátima desde 1920 onde vou quasi todos os dias 13. Como director técnico da fabrica de cimentos de Z. moro a 30 kilometros do local (e agora com as estradas reparadas!) e na minha qualidade de Servita não devo fallar.

Disse-me o Dr. I. que V. Rev.ª mencionava visitar-nos outra vez em Maio. O facto causou-nos grande alegria pois V. Rev.ª é aqui, no meo católico, muito estimado e conhecido, por causa da sua obra «Fátima, a Lourdes Portuguesa». E para nada omitir cumpre-me informá-lo que ouço dizer a cada passo, associando-me eu também a esse coro de louvores: O livro do Dr. Fischer é a obra prima, até hoje, escrita sobre Fátima.

Quando teremos então o prazer de o ver de novo em Fátima? provavelmente dentro em breve.

Terei imenso prazer em lhe mostrar a nossa fabrica sob o ponto de vista católico. A fabrica está em plena laboração desde 1923. Fátima e máquinas foram benzidas pelo Snr. Dom José. Em Junho de 1927 foi também a fabrica Consagrada ao S. Coração de Jesus, sendo a Imagem solenemente benzida pelo Ex.º Prelado no refeitório do operariado. A protecção de Deus tem sido tão visível que mesmo agora, no meio desta horrivel crise em que nos debatemos e que obrigou inumeras fabricas, aqui à volta, a parar total ou parcialmente, temos nós encontrado sempre rápida saída para os nossos produtos, não obstante a enorme produção (400 toneladas diárias).

Jesus prometeu esta protecção em paray-le-Monial, e por isso, nem outra coisa seria de esperar: «Quaerite pri-

Graças de N. S. da Fátima

Reumatismo nos ossos

Em dezembro de 1930 tive uma dor na espinha, que não me deixava fazer o menor movimento que me obrigou a estar de cama muitos dias. Consultei o médico que me disse ser reumático nos ossos. Apliquei os remédios indicados por ele, mas sem resultado. Cheia de confiança pedi a Nossa Senhora que me salvasse, tomei água da Fátima, e fiz uma novena. Tudo isto se passou sem que sentisse melhoras. Já muito desanimada comecei nova receita com remédios caseiros, mas sem esperança de obter resultado. No entanto recorri novamente ao auxilio de Nossa Senhora, fazendo a seguinte promessa: — que se me passassem as dores mesmo com qualquer remédio, em prova de gratidão para com a Santíssima Virgem, mandaria publicar a graça, o que agora faço cheia de reconhecimento, pois foi ouvida. Passados dias já me levantava e, graças à Saúde dos Enfermos, já estou bem.

Vila de Rei.

Antónia de Sousa Dias

Bronco-Pneumonia

Havia na minha familia um enfermo, com 78 anos, atacado de bronco pneumonia dupla e bastante perigosa. Perguntei ao médico assistente o estado do meu doente e respondeu-me que só um milagre o poderia salvar, de outra maneira lhe parecia completamente impossível. Ora eu que não queria que o meu unico tio me falcesse, pedi a Nossa Senhora da Fátima o milagre exigido pelo médico, dando ao meu doente água de Nossa Senhora e prometendo mandar celebrar uma missa e ir com toda a minha familia à confissão e comunhão em ação de graças.

Pois, por graça de Nossa Senhora, o meu tio está bem e a minha promessa foi já cumprida. Já lá vai muito tempo e a saúde do meu tio é boa graças a Nossa Senhora da Fátima que sempre nos acode e ouve as nossas preces.

Manuel do Senhor

Declaração do médico

Tratei o Sr. Agostinho de Sousa de bronco-pneumonia e em certa altura da doença julguei-o perdido. Hoje encontra-se perfeitamente curado e soube depois que tinha tomado água de Nossa Senhora da Fátima.

Manuel Viana

Úlcera

Em cumprimento de uma promessa peço a V. Rev.ª um cantinho na *Voz da Fátima* para ajuntar mais este favor a tantos alcançados por intercessão da Santíssima Virgem: Havia 28 anos que sofria horrivelmente de uma úlcera no estomago; não podia soegar e todos os medicamentos eram inúteis. Com o piloro completamente tapado resolvi sujeitar-me a uma operação. Não podia viver mais. No dia 6 de abril de 1928 dava entrada no hospital de Santa Marta em Lisboa. Fui operado no dia 28 de Maio enquanto que aqui não cessavam os pedidos, orações e novenas. No dia 13 de junho já me encontrava no meio deste povo que chorava de alegria. Nos dias que se seguiram à operação nunca tive febre nem qualquer outro sintoma alarmante. Em agradecimento desta grande graça, nos dias 12 e 13 de agosto passado, cerca de duas mil pessoas com a catequese desta feguesia, composta de 130 crianças vestidas de branco, foram à Fátima juntamente comigo agradecer à Santíssima Virgem este favor que me alcançou. Ainda considero uma graça especial tanto povo e principalmente tanta criança sempre todo o caminho em duas fileiras sem se cansarem nem haver desastres de qualidade alguma o que deixou os povos, por onde passavam, muito admirados. Fica aqui exarado o meu profundo agradecimento à Virgem Santíssima da Fátima.

Freixianda.

P.º Manuel Carreira Indício

Tuberculose

São realmente verdadeiras as palavras que a «Voz da Fátima» dirige à Santíssima Virgem. Vós, ó Virgem, Pura e Imaculada, sois a consoladora dos que creem e o lenitivo dos que sofrem. Na verdade,

num regnum Dei et justitiam ejus et omnia adjicientur vobis. (Math. VI, 33). Na capela da nossa fabrica, dedicada a N. S. do Rosário da Fátima, temos uma Imagem precisamente igual aquela que foi benzida em Roma por S. Santidade, o Papa Pio XI, e cuja fotografia se encontra reproduzida no seu livro. A dita Imagem foi também executada pelo escultor Thedim e é do mesmo tamanho daquela a que me refiro.

Com os meus mais sinceros agradecimentos pela sua gentil oferta, subscree-

radicada nesta santa esperança de que a Santíssima Virgem da Fátima fosse o balsamo seguro e eficaz para os seus sofrimentos, Isabel Rodrigues pediu cheia de amor e confiança a sua cura à Santíssima Virgem da Fátima, que nós veneramos na nossa Igreja todos os meses, no dia treze, com comunhão de todas as filhas de Maria e demais povo. Começava a sofrer muito e a enfraquecer de dia para dia a tal ponto que seus velhos pais foram obrigados a ir com ela a um dos médicos mais distintos, da cidade de Chaves. Auscultando-a achou-a num tal estado de fraqueza que declarou aos pais ser inevitável a morte, porquanto os pulmões e intestinos estavam completamente sem concerto, e portanto a morte seria breve. Vendo-a tão nova e dotada de tão belas qualidades morais, amiga dedicadíssima de todas, as filhas de Maria fizeram promessas e novenas e todos os dias se orava por ela. O nosso director Sr. P.º Elias Alves, prometeu uma missa a Nossa Senhora de Fátima, que seria celebrada quando ela sentisse melhoras, e nessa missa comungariam todas as filhas de Maria, seus velhos pais e suas irmãs. Nas vésperas do dia 13 de maio, deste ano, ela começa a sentir melhoras e no dia 13 de junho é cumprido o voto e ela aparece curada. De então para cá, cada vez se tem sentido melhor, julgando-se agora completamente curada.

Luisa Rodrigues Alves Calvão

Cura duma perna

Achei-me com os nervos duma perna esforçados e cheguei a um purgatório horrível. Isto foi peorando e, passado algum tempo, tinha uma parte da perna podre. No meio de tantas dores, tantos ais e tantas lágrimas, lembrei-me de Nossa Senhora do Rosário da Fátima e pedi-lhe, do fundo da minha alma, que me valesse, e ela assim o fez, pois passado algum tempo levantei-me um bocadinho da minha cama. Depois cheguei a um horrível tormento. Passado mais algum tempo, apodrece-me mais um bocadinho da perna. No meio da minha aflição, pensei em morrer! Numa noite, aflitíssima, minha mulher e eu voltámos para Nossa Senhora da Fátima, a quem prometemos ir ao Santuário da Fátima e levar as arcadas de ouro da minha mulher e Nossa Senhora me curasse. Agora graças a Deus e à Virgem Maria, já estou bem e já fui a Fátima cumprir as minhas promessas, eu que nem me podia mexer na cama!

Vila do Rei, Brejo.

António Domingos

Fimose

Em setembro de 1930, ao levantar-me notei, em certa parte do corpo, uma pequena escoriação não sabendo a que attribui-la.

Foi alastrando, e, com desinfectantes, fui-me tratando. Deu em resultado uma situação anormal. Consultado o médico, declarou que era uma «fimose» e para a qual não havia remédio sendo necessário uma operação cirúrgica. Alarimei-me, embora me garantisse que era simplíssima. Após esta consulta ouvi mais quatro médicos. Todos eles me aconselharam diversos tratamentos, dos quais fiz uso, mas sem resultado algum. Então tomei a resolução de ir a Fátima, se Nossa Senhora me curasse e evitasse a operação, agradecer à Mãe do Céu e dar-lhe 100\$00 para as obras do Santuário.

No dia 14 de março último preparei-me e comecei uma novena a Nossa Senhora da Fátima, e precisamente no dia 23, último dia da novena, notei que me encontrava curado e completamente livre do incómodo que me afligia, pelo que venho hoje, 13 de outubro de 1931, agradecer de todo o meu coração à Virgem Nossa Senhora do Rosário da Fátima as graças concedidas por sua divina bondade.

Viseu.

Casimiro Dias — Chefe dos Correios

Agradecimento a Nossa Senhora da Fátima

Sofria ha um ano dum abcesso. Depois de muitos tratamentos, banhos de sol, etc. fizeram-me duas punções.

Andei muito tempo em tratamentos sem resultado algum, enfraquecendo de dia para dia dum modo assustador, de maneira que uns julgavam-me tuberculoso e outros canceroso. Um dia resolvi consultar os Srs. Drs. Antero Brochado e Mário Monterros que exigiram uma operação a uma costela que já estava careada.

vo-me seu fiel companheiro na distribuição da S. Comunhão em Fátima.»

Será preciso sentirmos, na Alemanha, o pesado jugo da tirania bolchevista para que compreendamos, enfim, que só o regresso a Cristo-Rei e o reconhecimento franco, sincero e leal da Sua Realza, não só na vida privada mas também na social e económica, nos pode salvar?»

(Traduzido da «Schildewach» que se publica na Alemanha).

Na véspera do Natal

(CONTO)

Realmente fiquei assustada, mas que fazer? Em 14 de Junho de 1929, parti para o Pôrto para o Hospital de Santa Maria, onde fui internada. Nesse mesmo dia, fui examinada pelo médico do Hospital e no terceiro dia fui radiografada. Constatou-se que havia um buraco na costela. Estive lá 25 dias em tratamento, mas sem resultado.

Desanimada, disse que queria ir morrer à minha terra.

Ao despedir-me, em Julho, da Sr.^a Directora, recebi desta uma medalha de Nossa Senhora da Fátima dizendo-me ao mesmo tempo que fosse a Fátima logo que me fosse possível. Para lá parti no dia 12 de Agosto com umas 22 pessoas e entre elas iam 4 sacerdotes. Feliz viagem para os saões, mas de muito sacrifício para uma doente como eu a quem os balanços da camionete causavam dores horripáveis.

Comungámos na Sé do Pôrto, donde partimos às 9 horas, chegando a Fátima precisamente quando se estava a organizar a procissão das velas. No dia seguinte não me foi possível inscrever-me como doente, e pedi a um servita que me deixasse aproximar mais dos doentes, que queria ver Nossa Senhora pois que fora ali, como doente. Teve compaixão de mim e pôs-me à frente dele. Estando longe do SS. Sacramento, não pude receber a bênção directamente como os outros doentes, mas Nossa Senhora bem sabia que eu fora ali e que estava com muita fé. A certa altura fui às torneiras embeber na água da Fátima um pouco de algodão que apliquei na parte afectada, e principiei a sentir algumas melhoras. Levei água que continuei a aplicar e hoje sinto-me muito bem! Bendita seja Nossa Senhora da Fátima!

A 12 de maio fui do Candal em peregrinação a Fátima agradecer a Nossa Senhora a graça que me concedeu. Durante a viagem rezou-se e cantou-se a Nossa Senhora. Houve uma novena de preparação e antes de partirmos, assistimos à Santa Missa, comungámos e tivemos bênção do SS.

Antes de ir agradecer a Nossa Senhora fui aos mesmos médicos que me trataram para que examinassem se eu estava curada, e depois da resposta afirmativa é que fui agradecer a Nossa Senhora. Graças a Nossa Senhora já trabalho no serviço da casa e nada sofro presentemente desde que fui a Fátima.

Amarante.

Madalena da Purificação dos Anjos

Hepatite

Maria Joana Silva, residente na cidade de Setúbal, vem tornar público a graça da cura dum seu filho que se encontrava gravemente enfermo, em caso de desesperado. Sofria já há 4 meses de uma hepatite, doença que o seu médico assistente Sr. Dr. Pereira Machado, dizia ser de difícil cura.

A ponto tal o estado se agravou que em certo dia o médico julgou-o tão mal que lhe dera vida só por 24 horas. Com a declaração dos médicos, a aflição na família foi tão grande que só pensou em um milagre por intervenção de Nossa Senhora, fórmula única de salvar o perdido doente que sofria com resignação as dores atrozes que o torturavam, a tal ponto que as contrações faziam supor a todos os presentes que estava chegada a sua hora última da vida.

O inchaço que se apoderara do meu filho era de tal natureza que nunca mais o deixara repousar na cama, obrigando-o a permanecer só numa cadeira, e como o horrível sofrimento provinha do estomago, local onde se acumulavam as dores agudíssimas, foi ahi e já depois de o meu filho se encontrar quasi inanimado e sem falar, que apliquei uma cataplasma feita com linhaça e água da prodigiosa fonte da Fátima; foi tão grande a confiança na Santíssima Virgem, quando fiz a aplicação da cataplasma e tão fervorosamente lhe roguei a sua intervenção para que salvasse meu filho, que prontamente atendeu o meu rogo a ponto do doente imediatamente falar, sentir alívios apreciáveis e tal transformação se operou que causou assombro no próprio doente que perguntou o que lhe tinham colocado no estomago que fizera desaparecer as dores e a inchaço. Foi, pois, grande a alegria e admiração de todas as pessoas, que conheciam o estado quasi desesperado de meu filho, incluindo o próprio médico assistente que admirado o contemplou e disse que só um milagre o podia ter salvo. Em ação de graças por tão grande favor rendemos nosso tributo à Mãe de Deus e amparo dos que sofrem, não cessando de render elogios a tão grande benfeitora da humanidade e por isso, aqui venho apontar a todos os desesperados a quem a sciência da terra não pode valer, que implorem a Virgem da Fátima com fé e confiança, que estou certa, Ela não os desampará, como não me desamparou em momentos de tão grande angústia.

Setúbal

Maria Joana Silva

Grças diversas

Isabel Ornelas de Oaklanda, Califórnia, agradece a Nossa Senhora duas graças que lhe alcançou.

Amélia Ferreira Peixoto, de Leça da Palmeira, agradece a Nossa Senhora uma graça temporal.

Ángela da Silva Vieira F. de Nevo-gilde — Porto, agradece a cura duma grave e prolongada enfermidade que teve e de que se encontra curada.

Umbelina Antunes, de Lisboa, agradece a cura do seu irmão Sebastião Antunes que sofria havia 6 anos e que presentemente se encontra curado.

Adelaide Vaz da Silva, do Estoril, agradece a Nossa Senhora o tê-la curado duma complicação interior que a ameaçava muito.

Maria da Graça Poças Carmona, de Castro Daire, agradece uma graça temporal.

António Gonçalves, do Montelo, agradece a Nossa Senhora o alívio muito sensível que lhe alcançou duma complicação interior. Sente-se muito melhor e com esperanças de recuperar a saúde para amparo de sua família.

Júlia Furtado Bulcão, de California, agradece a Nossa Senhora duas graças que lhe alcançou.

Joana V. Neves de Oliveira Menezes, do Porto, agradece uma graça concedida por Deus por intermédio de Nossa Senhora da Fátima.

Maria da Glória Leal, Filha Boa, Carvoeira, agradece a cura dum seu padecimento. Fez entre outras a promessa de fazer durante um ano uma novena cada mês e agora encontra-se curada, favor que atribua a Nossa Senhora.

Maria de Jesus, da Bajouca, Monte Redondo, agradece a Nossa Senhora a cura duma mordedura dum animal. Esteve determinada uma operação que não chegou a ser necessária, favor que atribua a Nossa Senhora. A mesma agradece a Nossa Senhora a cura do seu filho que esteve muito mal com duas Pleuresias das quais agora se encontra curado.

Virginia Graça, Colégio da Providência, das Irmãs da Caridade, Brasil, agradece a Nossa Senhora o ter curado uma sua Prima Adyr Gomes Pereira, que se encontrava mal de saúde. Depois de algumas orações e votos recuperou a saúde que havia perdido.

UMA VISITA

Um dia sereno. Saf de casa e fui fazer uma visita. Uma scena edificante se me deparou.

Uma pequena casa de aldeia, a casa da tia Cristina, uma boa velhinha, doente há dez anos, sempre na cama, quasi sem se poder virar, atacada de paralisia.

A tia Cristina passa o dia quasi sempre só porque só tem uma filha para a tratar e esta passa quasi todo o tempo no campo. No casebre reina a pobreza e a solidão, mas na parede defumada, perto do leito onde a parálitica agoniza há dez anos, vê-se um velho crucifixo e algumas imagens de santos.

Conheço que é um bálsamo para mim o entrar em casa da doentinha, tão edificativo e consolado fico. Sempre a mesma calma, o mesmo sorriso, nunca um queixume.

— Como vai isso hoje, tia Cristina?
— Oh! Não vou pior.
— Tem sofrido muito?
— Um pouquinho.
— Não acha o tempo muito longo?
— No princípio, quando era mais nova, custou-me muito, mas agora tudo está bem.

— Como? Tudo está bem?
— Sim. Eu penso que Deus aceita o meu sofrimento como expiação dos meus pecados e dos pecados dos outros. Unindo a minha imolação à de Jesus na cruz, sinto coragem para sofrer e até isso me dá certo prazer na esperança de que por este meio Nosso Senhor distribuirá graças espirituais e temporais a outras almas que delas careçam, não esquecendo nunca as almas do Purgatório, é claro.

— Mas há de lhe custar bastante estar há tanto tempo nesse pobre leito, não é verdade?
— É menor dor do que a cruz sobre que Jesus morreu. Três horas esteve Ele na cruz com os pés e mãos cravadas. Já antes o haviam flagelado. Em volta d'Ele os inimigos insultaram-O. E esta scena parece renovar-se todos os dias. E eu, na minha solidão, não tenho nada daquilo.

— Não tem alguns momentos, ao menos de desânimo?
— Não, porque penso que, depois disto, há de haver o Céu, e o Céu, o paraíso eterno, não se compra muito caro pelo preço que o pago.

— E essa solidão?
— A solidão também tem as suas alegrias porque, de tempos a tempos, trazem a Sagrada Comunhão e eu passo o meu tempo em união íntima e a dar graças a Jesus.

— Então a tia Cristina não se perturba?
— Para quê? Deus quer o meu bem. Basta isso para me consolar, apesar do meu sofrimento.

Aqui está como se pode viver alegre e feliz no isolamento, na pobreza e no sofrimento.

«Era de noite; fazia frio; uma brisa glacial levantava por momentos nuvens de neve dura, que batia nos rostos dos numerosos parisienses que passeavam a esta hora tardia, por ser véspera de Natal.

As lojas numa luz deslumbrante, expunham com luxo os seus mais brilhantes artigos. Os brinquedos sobretudo, com maravilhosos mecanismos, tinham um grande exito e numerosas crianças se agrupavam junto das montras, solicitando de seus pais, alguns para a arvore do Natal e para os sapatinhos postos na chaminé.

Os sinos começavam a repicar alegremente para a missa da meia noite, e pareciam cantar a esperança e a alegria. A multidão ia, vinha, cruzava-se numa das ruas mais frequentadas da cidade, e ninguém prestava atenção a uma pobre mendiga, que segurando com uma das mãos um pequenito de cinco anos, com a outra implorava o socorro dos que passavam.

«Uma esmolinha, por caridade, uma esmolinha, minhas boas senhoras!...» Mas as boas senhoras passavam indiferentes, senão desdenhosas diante da desgraçada. «Tenho fome, tenho frio, o meu filho não tem nada para comer; uma esmolinha, por caridade!» A súplica renovava-se com angustia, o pedido torna-se mais instante «Uma esmolinha, uma esmolinha, por caridade!» E todos passavam sem ao menos olhar para aquela profunda miséria...

De repente, a pobre estremeceu, como se uma idea súbita lhe assaltasse o cerebro, e olhando em roda com olhos desviados, tomou nos braços o filhinho e fugiu para longe desta gente deshumana. Para onde irá, assim com o seu tesouro?... Aí toma a direcção do cáis, adianta-se para a ponte mais próxima, e pondo no chão o filhinho, depois de o ter beijado com transporte, a desgraçada, victima dum ataque cerebral, deita-se ao Sena. Ninguém ouviu o ligeiro ruído causado por esse frágil corpo ao cair na água, senão a criança abandonada cujos gritos agudos lhe despedaçavam o peito. «Mamá, Mamá, porque me deixaste?... Mamá, mamá, vem buscar-me»

O cáis estava deserto, e os gritos do pequenito ficavam sem resposta. Mas, como o bom Samaritano, um bom operário, voltando do seu trabalho, passou perto e o chorar da criança abandonada atraiu-lhe a atenção; aproximou-se e tomou-a nos braços.

— «Que tens, pequenito, para gritar desse modo?»
— Quero a minha Mamá.
— Onde está a tua Mamá?

— «Ali, ali. E apontava para o rio que corria tranquilo por debaixo da ponte.

— «Como, a tua Mamá está ali?...»
— «Cau à água! Aproximou-se da ponte e depois fez assim.» E esforçou-se como se quizesse atirar-se.

O operário então compreendeu que a desgraçada Mãe se lançara voluntariamente ao rio, e uma grande compaixão lhe invadiu o coração. «E o teu papá, onde está?»

O pequenito levantou o dedinho para o céu.

— «Lá em cima!
— Como se chamava elle?
— Não sei.
— E tua Mamá?

— «Fina.
— Queres dizer Josefina?
— Sim, sim.
— E o outro nome, o apelido?

— «Não sei.
— E tu como te chamas?
— Menel.
— Como? Menel não é um nome; queres dizer Manuel?»

— «Sim, sim Manuel»

O operário, que era bom cristão, sabia que Emanuel quere dizer Deus conosco, e que era assim que o Messias era chamado e esperado. Pensou logo que, sem duvida, o menino Jesus esta noite

de Natal, lhe enviara este desgraçadinho, e compreendeu que havia ali uma boa obra a fazer.

— «Tens fome pequenito?
— Tenho sim, senhor».

O bom homem tirou da algibeira um bocado de pão com queijo e depois de se ter sentado como ponde sobre o parapeto da ponte, pôz a criança no colo, deu-lhe de comer, e agasalhou-a com a capa. O orfãozinho comeu avidamente e bem depressa adormeceu nos braços do seu benfeitor.

O operário levou-o cuidadosamente, e depois de um quarto de hora de caminho chegou emfim a sua casa que era num quinto andar. Via-se ali a pobreza, mas não a miséria.

Uma mulher ainda nova preparava cuidadosamente alguns cartuchinhos para os meter em duas botas que estavam junto da lareira. Quando o marido apareceu levantou-se vivamente:

— «Que tarde que vieste! Já começava a dar-me cuidados a tua demora. Mas, que trazes aí?»

— «Aqui tens, trago-te um presente do Natal, para ti e para os nossos gêmeos: um Menino Jesus, um Emmanuel.»

A mulher soltou um grito de surpresa. «Como é isto?... Onde foste buscar esta criança?»

O operário contou então a triste historia que acabava de compreender e ajustou: «Amanhã irei à policia; farei o que me for possível para que procurem os parentes do pequeno, e se ninguém o reclamarem ficaremos nós com elle. Onde ha para quatro também haverá para cinco. Vês tu mulher, creio que esta caridade não trará a felicidade. Se um dos nossos gêmeos se achasse no caso desta criança, não ficaríamos reconhecidos pelo que por elle fizesses? Pois bem, Deus, que é o Pai dos orfãos, nos recompensará tudo o que tivermos feito por este pobre pequeno.

— «Tens razão, homem, devemos sempre fazer aos outros o que queremos que nos fizesses». E pegando na criança beijou-a com ternura.

Esta não despertou. Lindos caracóis loiros lhe pendiam da cabeçinha, e a boca entreaberta parecia sorrir aos Anjos. «Como os pequenos vão ficar contentes! Será o seu melhor presente; vou deitar o pequenito num berço junto da cama delle para que o vejam logo que despertem». Pela manhã, quando os gêmeozinhos abriram os olhos, viram logo o novo irmãozinho, que a mãe, para tornar a surpresa ainda mais agradável, havia rodeado de rosas do Natal «Ah! um Menino Jesus vivo!... Que bonito! — Este não é de cera. — Nem de gesso.

— «Mamá, quem no-lo dá de presente?»
— «Foi vossso Pai que vo-lo trouxe hontem, ou antes é Deus mesmo que vos manda este presente.

— «Oh! obrigado meu Pai, obrigado meu Deus!»

E cada qual se extasiava mais, no auge da alegria e do reconhecimento.

— «Eu hei-de ensinar-lhe a ler, quando elle tiver sete anos.

— «E eu a escrever e a contar.
— Ensinar-lhe-hemos, sobretudo, meus filhos, a conhecer e a amar a Deus».

— «Sim, sim, minha Mãe».

A policia não ponde dar indicação alguma a respeito do orfãozinho, e foi adoptado completamente por aqueles que o tinham recolhido na véspera do Natal. F. como presentia o caritativo operário, elle lhes trouxe a felicidade. Deus pôz o germen da vocação sacerdotal na alma dos dois gêmeos. As benfeitoras duma escola apostólica, encarregaram-se de os fazer admitir nela e de lhes pagar as despesas com os estudos. Em breve terão ambos a felicidade de serem ordenados Sacerdotes, ambos no mesmo dia! Os pais estão cheios de alegria com este pensamento, e o jovem Manuel, feliz e contente, aprende já para ajudar-lhes às suas primeiras missas.

Thérèse Borronne.
(Do Boletim da obra expiatória n.º 196)

Braga, 30\$00; Adelino Augusto Pires — Brasil, 15\$00; Amélia Pequito Valente — S. Domingos, 23\$00; Julio Dias Gonçalves — Brasil, 20\$00; P.º Manuel Rodrigues de Carvalho — Sedielos, 160\$00; Distribuição em Peniche, 150\$00; Manuel Alves de Brito — Viana do Castelo, 15\$00; José Vicente Pita — Madeira, 20\$00; Maria da Piedade Antero — Porto, 20\$00; Alzira de Almeida — Brasil, 15\$00; José J. Fraga — América, 28\$20; Maria dos Prazeres Meneses — Veiros, 20\$00; Inês Coelho — Nova Goa, 30\$00; Manuel Medeiros — América, 27\$50; António D. Andrade — América, 27\$50; Amélia Belindrinha — Agueda, 20\$00; P.º Joaquim N. Barroso — Senhora Aparecida, 15\$00; P.º João Abranches — Seminário do Fundão, 20\$00; Maria José Sousa — Sabugal, 15\$00; escola de Braga, 50\$00; Elvira Neves Ferreira — Estoril, 20\$00; Maria da Encarnação Pinto — Cascais, 15\$00; Cecília C. Costa — Còja, 20\$00; P.º Adelino Alv. da Silva — Vela, 20\$00; Abade d'Anta, 20\$00; Maria do C. Pires — Porto, 15\$00; Maria da Assunção Figueiredo — Bemfica, 20\$00; Manuel Alves Mateus — Mafra, 55\$00; Fernando da C. Vivas — Vilar Formoso, 30\$00; Maurício Brochado Neto, 15\$00; M. Rodrigues Palma — Sines, 15\$00; Alice da Silva Palma — Sines, 15\$00; Ana Machado e Serpa — Lisboa, 20\$00 Laura de Esmoriz — Matosinhos, 15\$00; Fernanda Alexandre Barreto — Trancoso, 20\$00; P.º João de Oliveira Gomes — Ovar, 20\$00; Maria Boaventura — Cadaval, 15\$00; Angela Costa Idalina Nunes — Feira, 120\$00; distribuição em Passos — Cab. de Basto, 55\$50; Maria J. Polvora — Évora, 20\$00 Angelina Espírito Santo — Lisboa, 15\$00; João Marques — Viseu, 20\$00; Norberta Monteiro Palma — Évora, 20\$00; Carlos Aug. Sarmento — Campolide, 20\$00; António de Figueiredo — Viseu, 20\$00; Maria I. da Costa Russo — Cabeço de Vide, 25\$00; Maria de Almada e Cruz — Lisboa, 15\$00; Ana Virginia de Moraes — Lisboa, 20\$00; Adelaide Chambers — Boa Vista, 20\$00; Maria José e Silva — Aveiro, 100\$00; Emidio Sena — Lisboa, 20\$00; Francisco Duarte — Lisboa, 15\$00; Francisco Vicente — Viseu, 20\$00; P.º Augusto Durão — Turcifal, 70\$00; Armada Batista — Évora, 15\$00; Francisca Batista — Évora, 15\$00; José Gonçalves Governo — C. João Dias, 15\$00; Maria do C. da Rocha — Odivelas, 17\$80; Clotilde Raposo — Alenquer, 20\$00; Helena Carneiro — Porto, 15\$00; Joana Emilia C. Branco — Pôrto, 20\$00; P.º David Fernandes — Vila Maior, 100\$00; Emilia da C. Sá — Vila do Conde, 25\$00; M.ª Carolina de Melo — V. N. de Gaia, 100\$00; M.ª Generosa — Veiros, 20\$00; Confraria de N. S.ª da Fátima — Vila Viçosa, 100\$00; Elísio Focha — Brenha, 15\$00; Ana Abreu — Gouveia, 15\$00; Amélia Roque — Gouveia, 25\$00; M.ª Guimarães Correia — Mota, 15\$00; António Farinha — Madeira, 20\$00.

Arlete Nunes — Tete, 100\$00; Rosa Azevedo, 50\$00; Ilda Taveira, 50\$00; A. A. Aires, 50\$00; J. Rocha, 50\$00; Beatriz Silva, 30\$00; Jaime Lino, 30\$00; Alda Pontes, 25\$00; Rosa Fino, 25\$00; J. Figueiredo, 25\$00; Basílio Fisher, 25\$00; M.ª A. Dias, 20\$00; M.ª T. Abranches, 20\$00; Francisco Bolotinha, 20\$00; Henriqueta Sardinha, 20\$00; Virginia Schwalbach, 20\$00; Irene Lopes, 20\$00; Dr. Silva Graça Júnior, 20\$00; A. J. Fernandes, 20\$00; F. Ribeiro, 20\$00; J. Abreu e Silva, 20\$00; M. Eiras, 20\$00; J. Sampaio, 20\$00; A. Fidalgo, 20\$00; J. Marques, 20\$00; L. Santos, 20\$00; Sara Fernandes, 15\$00; Adelino Gonçalves, 15\$00.

M.ª Ferreira Rodrigues — Paredes, 20\$00; Condessa de Margaride, 20\$00; M.ª Ribeiro da Silva — Guimarães, 20\$00; António da C. Melícias — Buliqueira, 20\$00; Ludovina M. e M. Jorge — Vale Formoso, 20\$00; Henriqueta de Moraes Ferreira — Lisboa, 15\$00; Emilia Fernandes Carvalho — Estoril, 50\$00.

M.ª Ferreira Rodrigues — Paredes, 20\$00; Condessa de Margaride, 20\$00; M.ª Ribeiro da Silva — Guimarães, 20\$00; António da C. Melícias — Buliqueira, 20\$00; Ludovina M. e M. Jorge — Vale Formoso, 20\$00; Henriqueta de Moraes Ferreira — Lisboa, 15\$00; Emilia Fernandes Carvalho — Estoril, 50\$00.

M.ª Ferreira Rodrigues — Paredes, 20\$00; Condessa de Margaride, 20\$00; M.ª Ribeiro da Silva — Guimarães, 20\$00; António da C. Melícias — Buliqueira, 20\$00; Ludovina M. e M. Jorge — Vale Formoso, 20\$00; Henriqueta de Moraes Ferreira — Lisboa, 15\$00; Emilia Fernandes Carvalho — Estoril, 50\$00.

M.ª Ferreira Rodrigues — Paredes, 20\$00; Condessa de Margaride, 20\$00; M.ª Ribeiro da Silva — Guimarães, 20\$00; António da C. Melícias — Buliqueira, 20\$00; Ludovina M. e M. Jorge — Vale Formoso, 20\$00; Henriqueta de Moraes Ferreira — Lisboa, 15\$00; Emilia Fernandes Carvalho — Estoril, 50\$00.

A quinse séculos de Efeso

A Maternidade Divina de N. Senhora

Maria é Mãe de Deus — revela o Espírito Santo nas Páginas Sagradas.

Maria é Mãe de Deus — proclamam-no os Santos Padres, gênios imortais da Igreja.

Maria é Mãe de Deus — definem-no os Concílios.

«Santa Maria Mãe de Deus...» — reza, por fim, a piedade cristã, a Liturgia Católica.

Demonstrá-lo, pareceria, por impossível, inútil. Pois, se há verdades que, por excessiva clareza, não sofrem demonstração, esta seria uma delas. Basta analisar, ao de leve, o Calendário eclesiástico, confrontá-lo com o depoimento constante da tradição, para ver como o culto à Mãe de Deus, nascendo com o dealbar do cristianismo, se foi espalhando e acentuando até penetrar toda a vida litúrgica da Igreja; para ver como a piedade cristã não tem limites quando se trata da manifestação dos sentimentos mais belos, mais puros em honra da Mãe de Deus.

VOZ DA FATIMA

Despesas	
Transporte...	299.75\$59
papel, composição e impr. do n.º 110 (65.000 exemplares) ...	4.759\$75
Franquias, embalagens, transportes, etc. ...	1.190\$10
Na administração em Leiria ...	160\$00
	305.867\$44

Donativos desde 15\$00

P.º Horacio M. de Sousa — Vizeu, 70\$00; Distribuição em Alquerubim — Aveiro, 75\$00; Alice de Quintanilha — Guarda, 20\$00; Virginia Lopes — Caldas da Rainha, 30\$00; Igreja de Baltar, 21\$20; P.º Xavier Madruga — Açores, 120\$00; João Goulart — Açores, 20\$00; Escola de Lubango, 50\$00; P.º José Ribeiro da Cruz — Oleiros, 25\$00; Maria da Conceição H. da Silva — Oleiros, 25\$00; Maria Pinto Antunes — Sertã, 15\$00; Maria Alice Almeida — Faro, 50\$00; Lourenço de Oliveira Machado —

A par de cada festa em que a Liturgia celebra os mistérios de Cristo—centro de toda a Sua vida — lá está também a memória dos principais factos e prerrogativas da Mãe de Deus.

A Encarnação do Verbo no Seio puríssimo de Maria, tem, a seu lado, a festa da Imaculada Conceição de Nossa Senhora; o Natal de Jesus traz consigo a Natividade de Maria; a Paixão de Jesus pede a festa das Dores de Sua Mãe; a Morte de Jesus — o Trânsito amoroso de Maria, a Ascensão de Jesus — a Assunção gloriosa de Nossa Senhora ao Céu.

Vê-se que a Santa Igreja não sabe glorificar o Filho sem glorificar a Mãe. Como é belo e fecundo este paralelismo encantador, índice de graça e misericórdia, que o sentimento da Igreja propõe a Seus filhos!

Não se contenta a S. Igreja com estas festas em honra da Virgem Senhora; mas, zelosa das grandezas de Maria e agradecida de suas benemerências, todos os meses alegre os fiéis com repetidas festas Marianas.

Mais, a sua Fé e gratidão não lhe permite deixar passar a semana sem consagrar à Mãe de Deus um de seus dias, o sábado; e recomenda insistentemente aos seus filhos lhe consagrem os três momentos mais importantes do dia com a recitação das Avé-Marias.

Se do campo da Liturgia passamos ao da simples piedade cristã, que de monumentos, desde as mais soberbas e amplas Basílicas, às mais pequeninas e pobres ermidas que branquejam nos altos montes

ou se escondem humildes nos vales, não têm sido erigidos em honra da Mãe de Deus!

A poesia, quer na sua forma culta, quer na não menos inspirada forma simples e sentimental do povo bom e cristão; a música, a pintura, todas as artes, como que à porfia, cantam e rezam as glórias da Mãe de Deus, as Suas prerrogativas, as suas misericórdias.

Nossa Senhora da Ajuda, do Amparo, da Guia; Nossa Senhora do Bom Conselho, da Luz, da Graça, da Boa Hora, dos Prazeres, das Vitórias... são outras tantas invocações que traduzem o agradecimento ou a prece à Mãe de Deus, em momentos difíceis ou de glória.

O que é Fátima, o que é Lourdes, o que são todos os Santuários do mundo, senão outros tantos teatros, nos mais eloquentes que cheios de magnificência, onde a piedade do bom povo cristão se expande e então, agradecido, os louvores da Mãe de Deus?

Se louco é — no dizer da Escritura — negar a existência de Deus, louco seria também negar, diante de tão copiosa e insofismável soma de testemunhos, a fé da Igreja na Maternidade Divina de Nossa Senhora.

Cantem, pois, todos e sempre, em cântico com a Igreja Universal, as grandezas da Mãe de Deus, na certeza de que serão correspondidos pelas vozes das gerações que passaram e de que o eco da sua voz será repetido, séculos em fora, pelas gerações futuras — «Santa Maria, Mãe de Deus...»

Isto passara-se em Junho depois da aparição deste mês.

Pode calcular-se a curiosidade da mãe em face do que ouvia dizer.

Pois na linha 15.ª do mesmo interrogatório ponde com verdade afirmar-se: «A mãe de Lúcia não foi porque o Senhor Prior a aconselhava a que não fosse.»

Muito forte teria sido essa recomendação para vencer a curiosidade de uma mulher... e mãe!...

Tinha a consciência de que procedia bem e isso lhe bastava. E o que ele afirma num officio enviado ao Ex.º e Rev.º Senhor Arcebispo de Milene, a 15 de Outubro de 1917, a dois dias após a última aparição, a dar-lhe conta do sucedido na sua freguesia e a pedir instruções.

«Tenho mantido o silêncio que a prudência me tem aconselhado.

Não tenho dado parte ao Ex.º Prelado há mais tempo porque esperava, no dizer das crianças, a última Aparição que foi no dia 13 próximo passado.»

Documento: 1.ª — pág. 1 linha 4.ª a contar do fundo.

E a Autoridade Eclesiástica que me conste nunca o censurou por isso. Muito ao contrário.

O povo porém sempre propenso a extremismos convenceu-se de que o pároco não via com bons olhos os acontecimentos da Cova da Iria. Esta opinião, de principio encoberta, explodiu a quando da prisão dos videntes chegando o povo a tomar o Prior da Fátima por cúmplice do Administrador.

Acusaram-no publicamente disso e o pobre do padre teve de publicar uma carta a defender-se de tais acusações, que, escusado seria dizê-lo, careciam do mais pequeno fundamento.

Da carta publicada no n.º 104 do «Ouriense» de 2-9-1917 e que mais adeante publicaremos na integra extrairmos os períodos seguintes que veem a propósito.

«...venho repetir tão injusta como invidiosa calúnia bradando ao mundo inteiro que não tomei parte por mínima que fosse, quer directa quer indirectamente no odioso e sacrilegio acto.»

E a fundamentar e a explicar a sua ausência do local das aparições, diz:

«Sa a minha ausência, como pároco, no local, se faz sentir aos crentes, não menos se faria sentir a minha presença aos descrentes, em desprimor da verdade dos factos.»

A Virgem Mãe não precisa do pároco para mostrar a Sua bondade, e é necessário que os inimigos da religião não possam deslustrar o brilho de Sua Benevolência atribuindo a crença dos povos à presença ou conselho do pároco porque a fé é um dom de Deus e não dos padres: — eis o verdadeiro motivo da minha ausência e aparente indiferença em tão sublime e maravilhoso assunto: — eis porque não tenho dado meu claro parecer ás mil interrogações e cartas que se me tem dirigido.»

«Não foram os Apóstolos os primeiros a anunciarem a Ressurreição do Filho da Virgem!»

A acusação e desconfiança por parte do povo era tão grande que a vida deste sacerdote chegou a estar em perigo.

E ele próprio que no-lo afirma na mesma carta:

«...não foi menos providencial a acalmação dos ânimos excitados pelo diabólico boato — aliás teria esta freguesia hoje a lamentar a morte de seu pároco como cúmplice (do rapto das crianças).»

Difícil, a situação do pároco era realmente esta: ou passar por um explorador aos olhos dos incrédulos que aproveitariam tal atitude, fazendo-a render, ou passar por livre pensador deante dos fiéis por não tomar parte nas grandiosas manifestações de fé que se vinham realizando na sua freguesia.

Para sua honra e glória e melhor conhecimento do que ali se passava foi esta a escolhida. Ainda bem.

No próximo artigo veremos a atitude do restante clero.

«Um observador»

AVISO

Mais uma vez se pede aos Srs. Assinantes que ainda não satisfizeram as suas assinaturas de 1931 o favor de o fazerem logo que lhes seja possível.

Agradece-se muito qualquer esmola para auxiliar nas grandes despesas da Voz da Fátima.

«ENSINA...»

Orai assim. O Padre Nosso.

O Padre Nosso!... Quem ha aí que o não saiba, que o não oiça, que o não reze?

Dum extremo ao outro do mundo sobre esta prece continuamente deante do trono de Deus.

E os homens ao dizerem Padre Nosso — Pai Nosso — sentem-se realmente irmãos porque filhos do mesmo Pai — Deus — que está nos Céus.

Um doce sentimento os invade e penetra suavemente o da fraternidade não daquela fraternidade oca e falsa mas daqueloutra real e verdadeira cimentada com o Sangue de Cristo — que os faz sentir as dôres alheias e alegrar-se com o prazer dos outros.

Ao espirito e coração humano abre-se assim um horizonte de que os descrentes não podem gozar: o duma família imensa formada de tantos filhos quantos re ceberam a graça de invocar a Deus por Pai.

Quando o homem subiu a essa contemplação Divina da humanidade sentese de momento mais perto de Deus do que dos homens e como arrebatado pelo amor de tão bom Pai só cuida no que Lhe diz respeito pedindo o que mais deseja que as creaturas dêem ao seu Deus: Amor, respeito, Obediência.

«Santificado seja o Vosso nome, Venha a nós o Vosso reino.

Seja feita a Vossa Vontade assim na terra como no Céu.

Porquê? Porque a honra e glória de Deus sobrepõem tudo e tudo vencem.

Depois de ter pedido para Deus na terra tudo o que pode pedir como que acorda e lembra-se de si e dos outros e pede para todos o pão que lhes sustenta a vida.

Não com a fúria do avarento que gasta de ter mas com a humildade do pobre que deseja viver.

«O pão nosso de cada dia nos dai hoje.

Mas ahl um tão bom Pai que com ternura infinita cuida do homem e da avezinha do céu e da florinha do campo, da parte de tantos a quem enche das suas graças e favores só recebe ofensas e agraves.

Até aquele que dia a dia para Ele estende as mãos e levanta o coração num grito de prece — até esse o ofende e esquece.

Ao aparecer como mendigo diante dele o homem recorda a sua situação miserável e sem mais ninguém a quem recorrer prostra-se por terra e clama com dôr e pesar:

«Perdoai-nos as nossas dividas como nós perdoamos aos nossos devedores» isto é aos nossos irmãos que nos ofenderam pois não faz sentido que numa família o Pai perdoe aos filhos que se não perdoam entre si.

E bem triste a lembrança do tempo passado longe da casa paterna.

Que o diga o pródigo entre os animais imundos.

Se aqui no lar tudo é amor, luz e alegria...

Porisso o homem com emorso, e temor de recair, confiadamente se acolhe ao seio do Pai e implora o seu auxilio.

«Não nos deixeis cair em tentação mas livrai-nos do mal: do grande, do único mal que é o pecado, do grande mádo que é o demónio: inimigo nato dos filhos de Deus.

Assim seja! Assim será porque não desampara nunca os que nEle confiam.

Que linda oração!

E como não havia de ser bela se o seu autor é a própria Beleza Increada?

Porisso lhe chamam também Oração Dominical e Oração do Senhor.

Um dia depois que o Senhor lhes pregou sobre a oração os Apóstolos voltaram-se para Ele e disseram-Lhe: Ensinai-nos a orar.

E Ele então: Pois heis de orar assim. E dos seus lábios Divinos saía essa maravilhosa oração do Padre Nosso.

Quando rezamos devíamos lembrar-nos que os lábios que primeiro a pronunciaram foram os lábios do Homem Deus.

Mas ha ainda faladores tão estragados que a não sabem saborear, que não sabem apreciar o encanto daquelas palavras benditas.

Quem pode deixar de sentir a divina melodia de almas que vibram nos mesmos e mais altos sentimentos?

Repeti-la? Porque não? Quanto mais se repete mais agrada. Quantas mais vezes se pronuncia tanto maior sabor se lhe encontra.

Ahl que paz não lança na alma atribulada aquela «seja feita a Vossa Vontade assim na terra como no Céu!...»

São dores, desgostos, calúnias doenças, a morte?

Que importa se isso representa a Vontade de Deus?...

Que ela seja de manhã e à noite e pelo dia adeante a nossa oração favorita! Desatem as criancitas a língua a aprende-la.

Junte-se com ela a família em volta da mesa e com ela se separe terminada a refeição.

Rezem-na ricos e pobres, novos e velhos que todos ali temem que pedir.

Mas rezemo-la bem.

Ah que glória imensa não poderíamos dar a Deus se rezássemos essa oração em condições.

Deixemos a rotina e rezemo-lo com atenção e com fé, com amor e confiança. Então sentiremos toda a beleza inefável dessas palavras benditas a balsamarem-nos as agruras da vida:

«Padre Nosso que estais no céu...»

Uma alma pequenina

ACABA DE APARECER

A PÉROLA DE PORTUGAL pelo Visconde de Montelo

Subsídios para a história da Lourdes Portuguesa. — Preço 5\$00 — Pelo correio 5\$70.

Depositários: — União Gráfica — Trav. do Despacho, 16 — Lisboa; P.º Joel de Deus Magno, Seminário Patriarcal — Santarém; P.º Manuel Pereira da Silva, Cá mara Eclesiástica — Leiria.

A oração da noite

— Joanhinha, deixa tudo e vai dizer ao pai que vamos já rezar.

— Mãesinha, porque é que fazemos juntos as orações da noite?

— Por três motivos, minha filha.

Primeiro, para maior união da família, pois mais unidos estarmos, com certeza, os corações que se juntam numa mesma prece, pedindo as mesmas graças, agradecendo os mesmos benefícios, num mesmo acto de adoração.

Em segundo lugar porque Nosso Senhor prometeu que «se dois ou três se unirem para orar, em meu nome, em verdade vos digo que meu Pai os atenderá...»

— É verdade! Há dias o snr. Prior explicou lá isso no catecismo.

— Então não te devias admirar deste nosso costume.

O terceiro motivo da nossa oração em comum é a edificação mútua que devemos dar e sobretudo quando conseguimos que os criados também tomem parte.

— Então, mãezinha, vou também chamar a cosinheira?

— Certamente. Mas, como temos de dar bom exemplo, é preciso teres mais cuidado contigo e não estares a brincar com os cabelos como fizeste ontem. Além do mau exemplo serves de distração aos outros.

— Então é pecado?

— Claro! Antes de irmos para a oração devemos-nos recolher e pensar no que vamos fazer que é agradecer a Deus as graças e os favores que nos concedeu durante o dia, pedir perdão de nossos pecados e encomendarmo-nos à sua protecção durante esta noite.

— E porque é que devemos pedir perdão dos pecados antes de dormir?

— Porque podemos morrer durante o sono e devemos estar preparados para comparecer diante de Deus.

— Mas, se tivermos algum pecado mortal e não nos pudermos confessar?

— Mais uma razão para nos excitarmos a uma verdadeira e sincera contrição considerando a bondade de Deus para conosco e a nossa ingratidão, prometendo confessarmo-nos logo que seja possível.

E já que estamos neste ponto quero dar-te alguns avisos que servirão para toda a tua vida. Convinha que depois da oração da noite cessassem todas as distrações. Se temos necessidade de fazer algum trabalho bom era fazê-lo religiosamente, diante de Deus, como uma homenagem e em resgate das nossas culpas.

Depois, tendo-nos despido com toda a modéstia, deitar-nos-emos fazendo o sinal da cruz, invocando o nome de Jesus e Maria, dizendo qualquer jaculatória até que venha o sono.

— E se acordarmos de noite devemos também rezar?

— Sem dúvida. Devemos logo voltar o coração para Deus e recitar algumas orações se o sono custa a voltar.

— E se tivermos medo?

— Nesse caso, filhinha, chama pelo teu Anjo da Guarda, entrega-te à protecção de Nossa Senhora e repete as palavras de Nosso Senhor na cruz: «Meu Deus, nas vossas mãos entrego o meu espirito.»

Este número foi vizado pela Comissão da Censura.

FÁTIMA A PROVA

NOTA PRÉVIA

Com o título supra indicado iniciamos hoje a publicação dum pequeno subsídio para a futura história dos acontecimentos da Fátima.

Occupar-nos-hemos só do que respecta ás contrariedades e oposições levantadas contra a Fátima, abrangendo o período agitado das aparições e peregrinações.

Mero subsídio, sem pruridos de grandiosa ou de valor, este trabalho vai contudo ao encontro dos desejos de muitos dos nossos leitores.

Feito aos pedaços no pouco tempo livre que de outras occupaões nos resta irá cheio de inevitáveis imperfeições de que já pedimos antecipada desculpa.

Uma qualidade porém queremos que tenha: será um estudo objectivo imparcial, fundado em documentos de que segundo as possibilidades se dará a citação ou a reprodução «in extenso».

Aos nossos assíduos, leitores e amigos oferecemos este trabalho como prenda de Natal, desejando que por ele se conheça ou recorde o conjunto de circunstâncias que acompanhou ou seguiu de perto a Aparição de Nossa Senhora na terra bendita de Fátima e mais se aprecie a graça extraordinária que ali se dignou conceder-nos a nossa querida Mãe do Céu.

O clero e as aparições da Fátima

E não se diga que a Fátima foi uma invenção do clero...

(Pastoral do Sr. Bispo de Leiria, «A Providência Divina», pág. 12 ac meio.)

Costuma Deus frequentemente permitir que as Suas obras ou as que Ele aprova e abençoe sejam contrastadas e contrariadas, durante algum tempo, por almas boas e rectas cheias de santas intenções.

Quere assim Deus ou permite que, muitas vezes, a maior cruz dos santos sejam outros santos.

As biografias de almas piedosas estão cheias destes exemplos que não aduzimos por abreviar.

Permitiu também o Senhor, na Sua Amorosíssima Providência, que os factos maravilhosos, desenvolvidos na Fátima de 13 de Maio a 13 de Outubro de 1917, tivessem de sofrer a primeira prova donde humanamente menos se esperava — da parte do clero.

Pois não se tratava de coisas muito lindas e muito santas: A Virgem que apparecia, os videntes que rezavam o terço, a multidão ajoelhada em prece, etc!...

Como se compreendia então que o clero não estivesse à frente de tudo, dirigindo, orientando, guiando, incitando?

E havia na verdade leigos piedosos que se insurgiam contra o clero accusando-o de tímido, de comodista e não sei quantas coisas más.

Esta era a conclusão a que chegavam, os que, à primeira vista, pensavam melhor.

A verdade e a justiça, desta vez não estavam, porém, do lado dêles.

A atitude do clero nesta difícil conjuntura foi a mais nobre, a mais prudente, a única possível deante de Deus e dos homens.

Mal de nós se o clero se tivesse metido na questão.

Se assim não faltou, e talvez ainda hoje haja, quem afirme, que a Fátima é «uma exploração reaccionária e jesuítica» «invenção de padres» e «intrusão arranjada para fanatizar o povo ignorante», que não diriam, se desde

o principio, se durante as aparições, vissem uma batina a «orientar e a dirigir».

A atitude do clero foi em certo modo para os factos da Fátima o processo critico que a incredulidade de São Tomé foi para a ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo: A satisfação dos espiritos mais exigentes, dos hiper-criticos.

Mas qual foi afinal a atitude do clero?

Resume-se em três palavras: prudente desconfiança, ajustamento e tranqüilla expectativa.

Isto em geral, pois houve, sobretudo entre o clero extranho à diocese de Leiria, alguns casos de curiosidade ou de estudo cuidadoso pela imparcial observação dos fenómenos cuja fama ia correndo de boca em boca em relatos talvez já adulterados.

Mas õrte essas raríssimas excepções, cujos nomes quasi se poderiam citar, o grosso do clero seguiu o caminho acima exposto.

O Pároco

Era então pároco da Fátima o Rev.º Sr. P.º Manuel Marques Ferreira, hoje da freguesia de São Simão desta Diocese.

As primeiras noticias do que se passara na Cova da Iria deixaram-no perplexo e pensando na attitude a tomar viu apenas uma possível: observar fielmente e pôr-se por completo à margem de tudo.

De facto nunca o Rev.º Prior appareceu na Cova da Iria num dia treze. O afastamento era premeditado, voluntário e sistemático.

A quem lhe extranhava tal attitude respondia que mais tarde tinha muito tempo de lá ir.

Desta sua maneira de ver e respectivo procedimento não fazia elle nem podia fazer segredo.

No depoimento de José Alves folha 2.ª — linha 10.ª, lê-se o seguinte que bem o comprova:

«Um dia o Senhor Prior esteve em sua casa e disse que aquilo ou era coisa muito má ou coisa boa. Achou-o bastante descrente.

Ele disse ao Senhor Prior: «Coisa má não, porque se fosse não mandava rezar terços nem fazer oração». E o Senhor Prior retorquiu: «Está enganado» E acrescentou: «o diabo serviu-se até dos sacramentos» do que não gostei de ouvir.

Não se contentava do seu procedimento pessoal, senão que procurava, como se vê pela citação supra, criar a mesma mentalidade.

Recomendando e favorecendo a maior moderação seguia contudo o caminho que se propusera.

Porque a família de Lúcia não olhava bem o que se estava passando e porque alguma coisa a agradou à mãe esta censurou-a e batulhe.

«O Pároco disse que não batesse na filha nem andasse a meter-lhe medo que ele a apanharia em mentira se realmente ella fosse mentirosa.»

Interrogatórios officiaes de Maria Rosa — viura — (Mãe de Lúcia) folha 3.ª — linha 9.